

Magalhães, Ant. CARLOS ACM já admite ser candidato

Da Agência Estado

Paris — O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) admitiu, em Paris, que por trás de suas freqüentes viagens a São Paulo está a possibilidade de vir a disputar a sucessão do presidente Fernando Henrique. "Apoio não faz mal a ninguém". E acrescentou: "Não sou candidato a presidente, mas o meu partido aspira ter um candidato; sou pragmático e, conseqüentemente, a favor das alianças", disse. "Dessa forma, não faltarei ao meu partido e ao meu País, se minha candidatura for julgada necessária; por enquanto, o que tenho como certo é disputar mais um mandato de senador pela Bahia."

Ele explicou que não contesta o presidente, mas pode divergir dele. Quanto às declarações de que sua tolerância chegou ao limite, disse que o presidente tem sido tolerante com os que contestam o seu governo. Por isso, está convencido que essa atitude deveria ter sido tomada há mais tempo. Para Magalhães, "há uma grande diferença entre contestar e divergir; da minha parte não pretendo contestar, mas divergirei sempre que achar necessário".

Sobre as declarações do ministro das Comunicações e articulador político do governo, Pimenta da Veiga, fazendo restrições à extinção do Tribunal Superior do Trabalho e ao projeto do relator da reforma do Judiciário na Câmara, Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP) — que não traduziria os interesses do governo — Magalhães disse que essa pode ser a opinião do ministro, mas não é a que ouviu do presidente, que considera esse assunto da competência do Congresso.

Ele não escondia sua satisfação com o artigo publicado pelo vespertino francês *Le Monde* e assinado pelo seu colega, o presidente do Senado francês, Christian Poncelet, um dirigente gaullista. Ele citou alguns trechos desse artigo que justificam as posições que tem assumido, inclusive nas divergências com a presidência da Câmara, lembrando o papel de contrapoder da instituição que dirige: "O papel de contrapoder do Senado consiste não apenas em melhorar a qualidade da legislação mas, sobretudo, permitir a expressão de uma opinião diferente da do governo e da Assembléia (Câmara); o Senado alimenta dessa forma um debate público sem o qual não existe democracia".